tem procurado ajudar a ver isso mesmo e a fazer tudo para a salvar da destruição. As duas grandes sessões do Sínodo sobre a família (2014 e 2015) aí estão a confirmá-lo.

Este livro é mais um contributo, entre muitos, para uma pertinente e justa reflexão sobre esta instituição a salvar a todo o custo. O seu autor é um sacerdote da diocese de Metz, membro da Comunidade do Emmanuel, professor no Instituto Católico de Paris e muito ligado à pastoral familiar. Ele tem em vista, em primeiríssima intenção, colocando-se na linha da misericórdia tão recomendada pelo Papa Francisco, salvar o que se encontra perdido ou em perigo de perdição. Considera que a Igreja não deve seguir, como tantas vezes acontece, pela via do moralismo escravizante, mas pela do anúncio da Boa Nova da salvação libertadora, como Jesus insinua, na parábola do bom Samaritano, que o Cardeal Kasper também gosta de recordar. Exorta, por isso, a uma «conversão pastoral» por parte dos agentes da mesma, na qual se conciliem, quanto possível, a misericórdia e a fidelidade.

Ao longo das páginas do seu ensaio, enfrenta realidades as mais diversas, ligadas à família como objecto de estruturas do pecado. Reflecte sobre o princípio da igualdade e da liberdade absolutas, que privilegiam o indivíduo em detrimento da instituição. Chama a atenção para o facto de que o desejo e vontade não são a mesma coisa, e que as pessoas devem guiar-se pela vontade, que não, cegamente, pelo desejo. Nesta ordem de coisas, aborda a teoria do *gender* e a questão do acolhimento das pessoas homossexuais. Apresenta dados altamente preocupantes sobre a situação na Europa e sobre a cobertura que as ideologias políticas, os seus lobby's e a consequente legislação vêm oferecendo à dissolução da família. Dedica um bom número de páginas (79-97) à problemática, hoje tão da ordem do dia, dos divorciados recasados, uma problemática altamente complexa, para a qual não se vislumbra solução fácil, sobretudo no que se refere ao acesso à comunhão; mas que, todavia, carece de grande atenção por parte da Igreja, sobretudo porque há aí muito sofrimento, e também pelas consequências que uma ou outra solução faz incidir sobre os filhos. Em linha positiva, realça a necessidade de redescobrir a família como «Igreja doméstica» e de uma conveniente preparação dos jovens para o casamento. E, bem assim, a necessidade de os formar para a afectividade e a sexualidade.

Um livro que oferece, em termos bastante claros, um bom contributo para uma visão justa da problemática conjugal e familiar na actualidade e para uma prática pastoral enformada de sabedoria evangélica.

Luís Salgado

Weigel, George, **Le Catholicisme évangélique**, Desclée de Brouwer (Groupe Artège : www.artege.fr), Paris, 2015, 312 p., 225 x 140, ISBN 978-2-22006-702-5.

A essência deste ensaio reside na convicção do autor, de que a Igreja católica modelada pelo Concílio de Trento chegou ao fim e de que a Igreja do futuro será a de um catolicismo evangélico, não de manutenção do *status quo*, mas de proximidade ao evangelho de Jesus e de missão, tal como, aliás, foi proposto pelo Concílio Vaticano II e vigorosamente expresso na vida e no ensino dos dois últimos grandes papas: João Paulo II e Bento XVI. O catolicismo de futuro, nas sociedades secularizadas do Ocidente, será assim uma contra-cultura,

a modelar uma cultura nova, enformada pelo Evangelho de Jesus.

O autor, apoiado numa longa experiência teológica e pastoral, estruturou o seu pensamento em duas partes. Na primeira – «A visão do catolicismo evangélico» –, em quatro grandes capítulos, versa assuntos como o fim da Contra-Reforma, um novo Pentecostes, a mudança dos termos de referência, a chave do Vaticano II e de tudo o mais (a constituição *Dei Verbum*), as qualidades de uma fé empenhada (radicalidade, fidelidade, alegria de ser discípulos, coragem evangelizadora). Após uma breve caracterização do catolicismo da Contra-Reforma, apresenta as características de um catolicismo evangélico: amizade com Cristo, acolhimento da Revelação e do ensino da Igreja, celebração dos sacramentos como meios de santificação, conversão permanente, dedicação às obras de serviço e de caridade, vivência da liturgia com a integração de tradições antigas e renovamento conciliar, leitura da Bíblia como palavra de Deus para a salvação, papel da hierarquia ordenada e da variedade das vocações, criação de cultura e movimento contra-cultural, utilização da razão na arena pública sob a inspiração do Evangelho, expectativa ardente do regresso glorioso do Senhor, estado de missão. Finalmente, aponta alguns dados essenciais para uma verdadeira reforma: coragem, critérios, carácter profético, obstáculos, ultrapassagem do medo.

Na segunda parte – «As reformas do catolicismo evangélico» –, em oito sucessivos capítulos, o autor expõe o que pensa sobre a reforma em cada sector da vida da Igreja. Começa pelo episcopado, apontando como modelo aquele que foi bispo de Cracóvia, Karol Wojtyla. Aponta caminhos para a escolha dos bispos de que a Igreja precisa: novos critérios, alargamento da consulta prévia, questão da idade, os procedimentos romanos… Passa em seguida aos presbíteros, sobre os quais aponta também caminhos: discipulado, celibato e obediência, formação, presença litúrgica, fraternidade sacerdotal, gestão das crises… Vem depois a reforma da liturgia, com considerações sobre o espaço sagrado, o tempo litúrgico como tempo contra-cultural, música litúrgica, preparação da recepção dos sacramentos, etc. Segue-se a vida consagrada. E a vocação dos leigos, com relevo para o poder do seu testemunho, a reforma do casamento católico, a liderança dos leigos no mundo dos negócios, da politica e da cultura, etc. O autor apresenta depois a necessidade de uma reforma católica da vida intelectual, nomeadamente da teologia (por ele considerada «em estado de urgência») e da universidade católica. A propósito denuncia um certo gnosticismo proteiforme hoje presente, nos antípodas do mistério da Encarnação e mais fortemente incrementado depois da revolução sexual. A sua manifestação dá-se sobretudo na rejeição da ideia de que há o *dado* por natureza, em favor da ideia de que tudo é obra do homem. Segue-se um capítulo sobre a reforma católica evangélica da voz da Igreja no que respeita aos assuntos públicos. O último capítulo é dedicado à reforma evangélica do papado, incluindo aqui a reforma do colégio dos cardeais e a da cúria romana.

Este é, efectivamente, um livro verdadeiramente revolucionário, de ruptura com muito da tradição, em favor de uma Igreja de rosto evangélico, tal como o fora a Igreja dos primeiros tempos saída do Pentecostes, com a força do Espírito Santo.

Jorge Coutinho